



Universidades Lusíada

Baltazar, Isabel

Winston Churchill : numa mão a espada, na outra a pena lutando pela paz

<http://hdl.handle.net/11067/5483>

<https://doi.org/10.34628/m56x-br58>

Metadados

Data de Publicação	2011
Resumo	Winston Churchill. Numa mão a espada, na outra a pena lutando pela paz, pretende evidenciar o pioneirismo desta figura no processo de construção europeia. Para além da figura ímpar de Churchill na História do Século XX, como prova a sua biografia, este estudo pretende mostrar a sua faceta “europeísta”, a partir do célebre Discurso de Zurique de 19 de Setembro de 1946, que marca indiscutivelmente o relançamento da ideia de união europeia. O apelo aos Estados Unidos da Europa pelo estadista do Rei...
Palavras Chave	Churchill, Winston Leonard Spencer, 1874-1965 - Biografia, Churchill, Winston Leonard Spencer, 1874-1965 - Actividade política, Europa - História - 1945-, Grã-Bretanha - Política e governo - Século 20
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 08 (2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-07-12T15:18:44Z com informação proveniente do Repositório

WINSTON CHURCHILL. NUMA MÃO A ESPADA, NA OUTRA A PENA LUTANDO PELA PAZ

Isabel Baltazar¹
isbaltazar@fcsb.unl.pt

¹ Isabel Baltazar é doutorada em História e Teoria das Ideias, Especialidade de História das Ideias Políticas (2008), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com uma tese intitulada *Portugale a Ideia de Europa. Pensamento Contemporâneo*. Neste momento encontra-se a realizar uma investigação de pós-doutoramento (FCT) sobre *A Europa na Diplomacia Portuguesa. Uma visão comparativa entre guerras*. É investigadora no projecto de Ciência Política e Relações Internacionais do Centro de História da Cultura e no projecto Faces de Eva, actualmente na direcção da Revista Faces de Eva, do CESNOVA, ambos na FCSH/UNL. É também membro colaborador do CEIS 20, da Universidade de Coimbra e Formadora da Rede do Centro de Informação Europeia Jacques Delors.

RESUMO

Winston Churchill. Numa mão a espada, na outra a pena lutando pela paz, pretende evidenciar o pioneirismo desta figura no processo de construção europeia. Para além da figura ímpar de Churchill na História do Século XX, como prova a sua biografia, este estudo pretende mostrar a sua faceta "europeísta", a partir do célebre Discurso de Zurique de 19 de Setembro de 1946, que marca indiscutivelmente o relançamento da ideia de união europeia. O apelo aos Estados Unidos da Europa pelo estadista do Reino Unido é paradigmático e terá vários momentos onde será anunciado. É esse o percurso percorrido nestas páginas, tendo como grande ponto de chegada o Congresso da Europa em Haia (1948). Seria este o caminho para os *Estados Unidos da Europa*?

Palavras - Chave:

Winston Churchill – Europa – Congresso da Haia – Estados Unidos da Europa – Construção Europeia

ERGUE-TE EUROPA!
Winston Churchill

Uma Figura Ímpar na História do século XX²
(1874-1965)

É indiscutível que Winston Churchill foi uma figura ímpar no panorama da política europeia e americana, muito em particular, e da política mundial em geral. Para além de estadista de prestígio, Churchill sempre conjugou a acção política com as ideias políticas que escrevia em papel. É admirável a sua capacidade como escritor, reconhecida pela atribuição do Prémio Nobel de Literatura, em 1953. A sua capacidade de oratória é tão grande na política como nas outras artes. A sua personalidade multifacetada permitiu-lhe o exercício de tantos e tão variados cargos, quer a nível político, quer militar. Paralelamente, teve, ainda, uma longevidade na carreira política (1901-1922 e 1924-1964) que lhe permitiu uma visão profunda do mundo.

Winston Churchill nasceu a 30 de Novembro de 1874, em Oxfordshire, Inglaterra. Filho de um político, Lord Randolph Churchill e de Jeanette Jerome, uma americana milionária. As circunstâncias políticas e militares, particularmente, a vivência da II Guerra Mundial, e, por outro lado, a origem da mãe, permitiram-lhe uma ligação estreita com os Estados Unidos da América, tendo sido mesmo agraciado com a honra da cidadania honorária dos EUA, pelo presidente Kennedy.

A sua formação académica foi eminentemente militar, tendo concluído em 1894, os estudos na *Royal Military Academy*, em Sandhurst. Um ano depois, iniciou a vida activa, sendo enviado para Cuba, na qualidade de correspondente da publicação *Saturday Review* e observador militar do exército espanhol.

O reconhecimento público foi-lhe proporcionado pelo exercício da actividade de correspondente de guerra durante a segunda guerra Anglo-Boer, na África do Sul; apesar de capturado numa emboscada, conseguiu fugir, tendo atravessado a fronteira até Lourenço Marques. Esta proeza garantiu-lhe um estatuto que lhe deu acesso à carreira política, em 1901, primeiro no Partido Conservador, mais tarde, no Partido Liberal, regressando, de novo, ao partido conservador. A sua actuação política nunca foi consensual por parte dos políticos e observadores, unânimes nas críticas nas actuações em certas situações. Foi um dos estrategas do mal sucedido desembarque de Gallipoli, em Dardanelles, que originou a atribuição do epíteto de “carniceiro de Gallipoli”; em 1926, durante uma greve geral de mineiros, Churchill foi acusado de ter sugerido o uso de violência arma-

² Vejam-se as principais biografias consultadas neste ponto: Chris Wrigley, Churchill, Texto Editores, 2010; François Bédarida, *Churchill*, Lisboa, verbo, 2001; Edgar Black, Winston Churchill, Lisboa, Aster, s.d.; Martin Gilbert, *Winston Churchill. Biografia*, Lisboa, Bertrand, 2002; Keith Robbins, *Churchill*, Mem Martins, Inquérito, 1997.

da sobre os referidos trabalhadores, considerando necessário o fim da greve ou a iminência do fim do país. Foi, também, signatário do tratado Anglo-Irlandês, que estabeleceu o estatuto da República da Irlanda como um estado independente, sendo considerada muito positiva a sua actuação. Os momentos mais baixos da sua carreira política seriam a partir de 1931, ano em que pertencia ao Partido Conservador que ganharia as eleições. Seguiram-se dez anos sem brilho político, designados pelos biógrafos como “os anos áridos”, em que se vai concentrar na escrita. Tem a oportunidade de expressar vivamente a sua oposição à independência da Índia, um tema que se arrastava desde os anos trinta. Criticou, também, a política de “apoio tácito” que o primeiro-ministro Neville Chamberlain dedicava a Hitler, recém-chegado ao poder na Alemanha. Aquele acabaria por se demitir do cargo em Maio de 1940, tendo sido substituído pelo próprio Churchill. A partir dessa altura, seriam os anos mais ricos da sua carreira, tanto nas intervenções políticas a nível interno, como europeu e mundial. É de salientar, uma vez mais, a sua capacidade oratória, muito particularmente, presente no discurso “sangue, suor e lágrimas”, muito importante para mobilizar o Reino Unido no período da II Guerra Mundial. É de realçar o bom relacionamento de Winston Churchill com Franklin Roosevelt, que asseguraria o fornecimento de bens vitais por via marítima, durante o conflito armado. Também é de destacar o seu papel na assinatura dos tratados que definiam as fronteiras pós- segunda Guerra Mundial. Essas propostas para as novas fronteiras europeias foram discutidas entre Churchill e Roosevelt, em 1943, e assinadas mais tarde, em Postdam, por Churchill, Truman e Stalin. De 1945 a 1951, seria o líder da oposição, sendo que o ano de 1946 seria marcado por dois discursos paradigmático³: o primeiro, proferido por Missouri, nos EUA, a 5 de Março, e que introduzia a expressão “cortina de ferro” que ficaria célebre na História do Século XX, e com grande impacto imediato na opinião pública americana e da Europa ocidental. Esta expressão entraria na linguagem corrente e, segundo alguns historiadores, marca o início da guerra fria. Neste discurso, Churchill defendia a cooperação entre os Estados Unidos da América e o Reino Unido, e a segurança da Europa contra a guerra e a tirania. Também ali defende os grandes princípios dos Direitos do Homem e da liberdade, herdados pelos países de expressão inglesa através da Magna Carta, da “Bill of Rights” e pela Declaração de Independência Americana. Churchill defende, ainda, diversas alianças entre países, nomeadamente, de cooperação entre os países da Commonwealth, e, também, a aliança que os Britânicos tinham com Portugal desde 1384.

O segundo discurso, proferido em 19 de Setembro de 1946, em Zurique, e que será objecto privilegiado de análise neste estudo, refere a necessidade de “recriar a Família Europeia”, através de um primeiro passo de entendimento entre França e a Alemanha, e de proporcionar uma sociedade em que se possa viver em

³ Cfr. Robert Rhodes, James, Winston S. Churchill, His Complete Speeches 1897-1963, London, Chelsea House Publishers, 1943-1949, pp.7285-7293.

“paz, segurança e liberdade”, e na qual “as nações grandes contribuiriam tanto como as pequenas”, numa “espécie de Estados Unidos da Europa”. É este segundo discurso que será o ponto de partida para o contributo de Winston Churchill na construção europeia. Seria a partir desta última expressão usada que a causa europeia ganharia um novo alento, decisivo para o impulso europeu empreendido durante a segunda metade do século XX. Como veremos, Churchill viria a presidir ao Congresso Europeu, que teria lugar em Haia, em 1948. Apesar dos resultados do Congresso não serem proporcionais aos seus esforços, causando alguma decepção aos mais europeístas, por não conseguirem estabelecer de imediato uma organização federal europeia, ali estariam as raízes do futuro Conselho da Europa e do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. Foi um convicto combatente pela causa europeia, conciliando o Pan-Europeísmo com a possibilidade europeia, na génese da construção europeia. Churchill teve o mérito de conseguir conciliar o pragmatismo político com um certo pendor utópico a apontar caminhos futuros. O seu nome foi atribuído justamente a um dos três principais edifícios do Parlamento Europeu.

O Discurso de Winston Churchill em Zurique (19 de Setembro de 1946)

O discurso de Winston Churchill pronunciado em Zurique, a 19 de Setembro de 1946, ficaria célebre, por marcar indiscutivelmente o relançamento da ideia da necessidade de uma união Europeia. Para além do prestígio do autor deste discurso, antigo e futuro primeiro-ministro do Reino Unido e uma das figuras mais marcantes da Europa na década de 40 do século XX, conjuga-se, também, a virtuosidade deste discurso:

“Desejo falar-vos, hoje, sobre a tragédia da Europa. Este nobre continente, englobando no seu todo as mais agradáveis e civilizadas regiões da terra, gozando de um clima temperado e equilibrado, é a terra natal de todas as raças originais do mundo ocidental. É a fonte da fé cristã e da ética cristã. É a origem da maior parte da cultura, das artes, da filosofia e da ciência, tanto dos antigos como dos modernos tempos. Se a Europa tivesse alguma vez ficado unida na partilha do seu património comum, não haveria limite à felicidade, à prosperidade e à glória dos seus trezentos ou quatrocentos milhões de habitantes. Mas foi da Europa que jorrou essa série de assustadoras quezílias nacionalistas, originadas pelas nações teutónicas, a que nós assistimos ainda neste século XX e no nosso tempo, arruinando a paz e frustrando as expectativas de toda a humanidade. E a que situação foi a Europa reduzida?”⁴.

Churchill procura demonstrar como todos os estados europeus perdem com

⁴ Discurso de Winston Churchill pronunciado a 19 de Setembro de 1946, em Zurique, in *60 Anos de Europa. Os Grandes Textos da Construção Europeia*, Lisboa, Parlamento Europeu, 2008, p.1.

as guerras, pequenos e grandes, mesmo quando paradoxalmente vencedores. Refere aqueles pequenos estados que, na realidade, até fizeram uma boa recuperação dos esforços de guerra, mas, que no entanto, têm os seus povos “atormentados, famintos e desnorteados”⁵ a olharem para as ruínas das suas cidades e de seus lares. Tanto os vencedores, onde se ouvem vozes dissonantes, como os vencidos, onde se sente o desespero, constataam a destruição em seu redor. Aliás, não é só a Europa que vive esta ferida de morte, mas o mundo inteiro:

“De facto, mas também, por que a grande República de além atlântico compreendeu, à distância, que a ruína ou escravização da Europa, envolveria, também, a sua própria sorte e estendeu o seu auxílio e orientação. Os tempos negros recolheram toda a sua crueldade e miséria. Que poderão ainda voltar. Mas, ainda é tempo para um remédio que, se genérica e espontaneamente adoptado, poderá, como por milagre, transformar todo o cenário, podendo em poucos anos fazer toda a Europa, ou grande parte dela, tão livre e feliz como a Suíça o é nos dias de hoje. Qual é este milagre soberano? É a recriação da **Família Europeia**, ou o mais possível que dela pudermos, provendo-a de uma estrutura sob a qual possa viver em paz, em paz, em segurança e em liberdade. **Deveremos construir uma espécie de Estados Unidos da Europa**. Só neste caminho poderão centenas de milhões de trabalhadores reencontrar as simples alegrias e esperanças que fazem com que valha a pena viver a vida”⁶.

Churchill não propõe, apenas, um ideal para a possibilidade para a sua realização. Tem a consciência de que este empreendimento só pode ser realizado se existir entre os europeus, que falam muitas línguas, mas têm uma herança e futuro comum, essa espécie de Estados Unidos da Europa. Para o estadista britânico o processo é simples porque só depende da vontade dos europeus, dessas centenas de milhões de homens compreenderem a necessidade de se unirem para um fim comum com o retorno de um bem comum.

É de salientar que esta ideia não é totalmente nova, uma vez que já tinha sido anunciada a seguir à primeira grande guerra, quer por intelectuais como o conde Coudenhove-Kalergi, quer por políticos como Aristides Briand, com a proposta de criação de uma união federal europeia. No entanto, Churchill é mais cauteloso e menos ambicioso, continuando o segundo episódio da proposta de uma união europeia, com passos menos arrojados e, por isso, mais promissores do seu êxito. Ele tem consciência da virtualidade das propostas anteriores, mas, da necessidade de encontrar meios exequíveis para a sua concretização. É de salientar, portanto, que as propostas apresentadas no período entre duas-guerras, apesar de não terem sido realizadas, foram um primeiro episódio para ensaiar da possibilidade de construir a Europa. O futuro mostrou que tiveram continuidade e que estas Ideias de Europa serviram, e servem ainda hoje, como uma espécie de reservatório para a Europa (sobre) viver. No caso em análise, Churchill assume

⁵ *Idem, Ibidem.*

⁶ *Idem, Ibidem.*

esta herança:

“ Muito trabalho neste sentido tem sido feito pelo empenho da União Pa-neuropeia que muito deve ao Conde Coudenhove-Kalergi e que recrutou os serviços do famoso patriota e homem de estado francês, Aristides Briand. Há também esse enorme corpo de doutrina e de procedimentos que foi criado no meio de grandes esperanças depois da primeira guerra mundial: a Sociedade das Nações. A Sociedade das Nações não falhou pelos seus princípios ou concepções. Ela falhou por causa dos governos desses dias recearem enfrentar os factos agi-mdo enquanto havia tempo. Esse desastre não pode repetir-se. Há por isso muito conhecimento e material para utilizar e também amargas e caras experiências”⁷.

A diplomacia de Churchill revela-se muito mais eficaz. Por um lado, elogia o presidente Truman por acreditar neste desígnio, por outro lado, faz questão de salientar que esta organização de estados europeus em nada colide com outras organizações já criadas, como a própria ONU, e, finalmente, a sua perspicácia em apoiar uma instituição de tipo federal que não incluía a própria Inglaterra, ela mesma já uma “comunidade de nações”⁸. Diz Churchill:

“Nós, Britânicos, temos a nossa Comunidade de Nações. Estas não enfra-quecem, pelo contrário, reforçam, a organização mundial. São, na prática, o seu principal suporte. E por que não haver um agrupamento europeu que possa dar um sentido de alargado patriotismo e de comum cidadania aos povos desalenta-dos deste turbulento e poderoso continente, e por que não toma ele a sua posição de pleno direito junto a outros grandes grupos na formação dos destinos dos hom-ens? A fim de que tal possa ser realizado tem que haver um acto de fé no qual **milhões de famílias, falando muitas línguas, tomem conscientemente parte**”⁹.

Como aproximar os cidadãos europeus dessa Europa? Uma questão no tem-po de Winston Churchill e no nosso tempo, ainda bem actual. Essa consciência de uma cidadania europeia, só pode ser alicerçada a partir das lições da História. Uma história de guerras e de ódios. Entre nações e entre homens. Muito parti-cularmente evidenciada pela hegemonia alemã. Para Churchill essa Alemanha deve ser desprovida do poder de rearmamento que a leve à tentação de desen-cadear uma nova guerra. Como dizia Gladstone, não podemos esquecer o pas-sado, mas olhar para ele para prever o futuro. Para Churchill esse futuro está na recriação da família europeia, para evitar todos os crimes e loucuras do passado. Para evitar a agonia da Europa, magistralmente reflectida por María Zambrano¹⁰.

Refira-se que esta edificação europeia se fará a partir dos próprios povos da Europa. Ontem, como hoje, não terá sucesso uma União Europeia construída de costas para os europeus, ou, à sua revelia. Uma lição de Churchill, de pertinen-te actualidade, para apontar o caminho para o aprofundamento europeu: uma

⁷ *Idem, Ibidem*, p.2.

⁸ *Idem, Ibidem*.

⁹ *Idem, Ibidem*, p.3.

¹⁰ María Zambrano, *La agonia de Europa*, Madrid, Editorial Trotta, 2000.

Europa desejada pelos europeus, ou, como dizia Churchill, os povos têm que o querer. Como começar?

“Vou, agora, dizer-vos algo que vos admirará. O primeiro passo na recriação da família europeia deve ser uma parceria entre a França e a Alemanha. Só desta maneira pode a França recuperar a liderança moral da Europa. Não pode haver um ressurgimento da Europa sem uma grande França espiritual e sem uma grande Alemanha espiritual. A estrutura dos Estados Unidos da Europa, se bem e verdadeiramente construída, será a força material de um só estado menos importante. As pequenas nações contarão tanto como as grandes e honrar-se-ão pela sua contribuição para a causa comum. Os estados e regiões da Alemanha, livremente reunidos por mútua conveniência num sistema federal, poderão tomar, cada um, o seu lugar individual dentro dos Estados Unidos da Europa”¹¹.

Mais uma vez, é salientada a necessidade da adesão livre dos povos europeus em construir uma casa comum europeia, na linha da solução já apresentada pelos que estão do lado do Atlântico, e dos outros, alguns europeus que compreendem a sua necessidade vital. O tempo é escasso e é preciso começar já, avisa Winston Churchill. Para evitar a emergência de uma bomba atómica é preciso ter consciência do perigo iminente. Podem ser constituídos uns *Estados Unidos da Europa* ou qualquer outra entidade com o mesmo fim:

“Devo, agora, repetir as propostas que estão perante vós. O nosso constante objectivo deve ser a construção e o fortalecimento da Organização das Nações Unidas. Sob e dentro desse conceito mundial devemos recriar a família europeia numa estrutura regional chamada, por exemplo, de Estados Unidos da Europa. O primeiro passo será a formação de um Conselho da Europa. Se, numa fase inicial, nem todos os Estados da Europa quiserem ou puderem juntar-se à União, devemos, contudo, proceder à junção e combinação daqueles que o querem e daqueles que o podem fazer (...). A Grã-Bretanha, a Comunidade britânica de Nações, a poderosa América, e, confio eu, a Rússia Soviética – para que, então, de facto, tudo possa estar bem – devem ser os amigos e os patrocinadores da nova Europa e devem defender o seu direito à vida e à luz. Por isso vos digo: Deixem a Europa erguer-se!”¹².

Trata-se de um discurso que marcaria o seu tempo e ficaria intemporal, pela sua constante fonte de inspiração para o presente e futuro da Europa. Muito para além da obra inacabada da União Europeia, os momentos de crise vividos no presente, já não vislumbram somente uma encruzilhada europeia, mas são sentidos pelas mais eminentes figuras, como Jacques Delors, como uma Europa à beira do abismo. O Discurso de Churchill continua a ser uma fonte onde ir buscar razões

¹¹ Discurso de Churchill pronunciado em Zurique, op. cit., p.4.

¹² *Idem, Ibidem*, p.5.

e soluções para a construção europeia no século XXI.

O “Congresso da Europa” em Haia (7-11 Maio de 1948): o caminho para os Estados Unidos da Europa?

O Congresso de Montreux, convocado pela União Europeia dos Federalistas, serviu para dinamizar e organizar as acções a favor da Europa Unida e o plano dos Estados Gerais da Europa. Na mesma altura, Winston Churchill continuaria o seu apelo aos Estados Unidos da Europa. Curiosamente, seriam duas tendências diferentes — federalista e unionista — a darem origem ao congresso de Haia.

Na sequência da variedade de acções em prol da Unidade Europeia, surgiria, por necessidade prática uma organização com a finalidade de conjugar esforços: o Comité Internacional de Coordenação dos Movimentos para a Unidade Europeia. Embora surgisse em 1947, só no ano seguinte se realizaria uma reunião com o objectivo de congregar os vários esforços federalistas. Este *Congresso para a Europa Unida* realizado em Haia ficaria, para sempre, marcado como um dos momentos fundamentais para impulsionar a União Europeia, a tal ponto que ficaria conhecido como o *Congresso da Europa*. Reunia cerca de vinte movimentos federalistas coordenados pela dinamização do polaco Joseph Retinger.

Contou com a participação de cerca de oitocentas personalidades de grande importância, representativas dos vários países e áreas políticas, além das figuras mais proeminentes do pensamento europeu – escritores, eclesiásticos¹³, cientistas e economistas¹⁴. Saliente-se a presença de numerosos políticos, entre os quais, dezasseis antigos presidentes do Conselho e vários ex-ministros, sendo de destacar a presença de figuras como Winston Churchill, a quem coube a presidência de honra, De Gasperi, Paul-Henri Spaak, Robert Schuman, Jean Monnet, Paul Reunaud e Léon Blum. Lá estaria, também, uma delegação alemã dirigida por Konrad Adenauer, presidente da ala política democrata -cristã.

Para preparar este Congresso, formaram-se três Comissões executivas — política, económica e cultural — e Comissões nacionais responsáveis pela nomeação de delegados dos parlamentos, partidos, sindicatos, religiões, ligas feministas, universidades e intelectuais. A Coordenação agrupava a *União Europeia dos*

¹³ É de referir que o próprio Papa Pio XII envia um seu representante a este Congresso para demonstrar a adesão da Santa Sé à ideia de uma União dos Povos.

¹⁴ Este Congresso realizado em Haia faz-nos lembrar o não menos significativo Congresso de Viena (1929), de onde sairia o pioneiro manifesto a favor da unidade europeia – o manifesto de Viena. Aquele encontro, como este que tratamos, teve uma influência extraordinária e a presença da “fina flor” do pensamento europeu. Ficou, desde logo, demonstrado o interesse pela ideia europeia e a adesão à União da Europa, afinal, pouco expressivo nos resultados políticos alcançados então como agora no Congresso da Europa, e, afinal, ainda em 2004. O que mostra um entusiasmo pouco correspondido ao nível das decisões políticas.

Federalistas (Brugmans), *A United Europe Committee* (Churchill), *a Liga Económica de Coordenação Europeia* (Van Zeeland), *o Conselho francês para a Europa Unida* (Dautry), *as Novas Equipas Internacionais* (Bichet) e a *União Parlamentar Europeia* (Coudenhove-Kalergi).

A Comissão política do Congresso era presidida por Paul Ramadier, socialista francês, e propunha a criação de uma Assembleia Parlamentar Europeia com representantes dos parlamentos nacionais. Alguns federalistas, como Paul Raynaud, queriam, no entanto, ir mais longe e criar um verdadeiro Parlamento Europeu eleito por sufrágio directo. Havia, ainda, um Comité Económico e Social, presidido pelo belga Paul Van Zeeland, e um Comité Cultural cuja presidência cabia a Salvador Madariaga, tendo como relator Denis de Rougemont. Este último reconheceria que o congresso no plano político tinha como objectivo a paz, economicamente a prosperidade dos seus estados e culturalmente a união na diversidade, ultrapassando os nacionalismos e criando uma Comunidade Espiritual. Era esse o sentido do texto final, escrito, também, por Rougemont onde se procurava conciliar as tendências federalistas com as unionistas, propondo, apenas, a criação de uma Assembleia Europeia que estudasse a via para alcançar os fins comuns a todos.

O que se pretendia era criar uma Europa Unida não pela força nem pela resistência mas pela harmonização de vontades livres como reconhecia Aron. Uns escolhiam a via política, como Michel Debré, propondo a criação de uma república federativa europeia e uma constituição europeia. Na mesma linha se situava o discurso de Churchill:

“Devemos proclamar a missão e concepção de uma Europa Unida, cujo conceito moral granjeará o respeito e a gratidão da humanidade e cujo poder físico será tal que ninguém ousará molestar o seu tranquilo percurso... Espero ver uma Europa em que os homens e mulheres de todos os países darão a mesma importância ao facto de serem europeus como ao facto de pertencerem ao seu torrão natal e em que para toda a parte que forem neste vasto domínio possam pensar verdadeiramente *Aqui estou em minha casa*”¹⁵.

Outros, de uma forma mais “límpica” e sonhadora como seria próprio de intelectuais, falavam de uma União de Culturas. A esse propósito, vale a pena referir o sentimento de Madariaga quando dizia:

“Esta Europa tem de nascer. E nascerá quando os espanhóis disserem a *nosssa Chartres*, os ingleses a *nosssa Cracóvia*, os italianos a *nosssa Copenhaga*; quando os alemães disserem a *nosssa Bruges* e recuarem horrorizados perante a ideia de alguma vez levantarem a mão agressora contra ela. Então, a Europa viverá, porque será então que o Espírito que conduz a História terá pronunciado as palavras criadoras: *Fiat Europa*”¹⁶.

Para dar conta da atmosfera deste Congresso, discursos e discussões lá

¹⁵ Citado por J. A. Maltez, op. cit., p. 28.

¹⁶ *Ibidem*.

ocorridas servimo-nos, antes de mais, dos fundos da documentação diplomática portuguesa.

Embora fosse comum a defesa da unidade da Europa, esta era entendida a níveis diversos de aprofundamento. Se uns faziam a apologia da criação de uns verdadeiros **Estados Unidos da Europa**, optando pela via da federação política, outros, mais cautelosos, entendiam ser possível essa *União Europeia*, sem transferências de soberania por parte dos estados, querendo, sobretudo, alcançar um bom nível de cooperação interestadual. A primeira, a corrente federalista, pretendia realizar um federalismo imediato; a segunda, a corrente pragmática, optava pelo método dos “pequenos passos”, através de um entendimento progressivo entre os estados, cuja via seguida não seria a integração mas a cooperação. Afinal, o que estava, e está hoje¹⁷, em causa, era a opção entre manter a soberania dos Estados, seguindo o método funcionalista, ou aprofundar a via supranacional pelo método federalista.

Das discussões entre os que acreditavam nas virtualidades do federalismo e os que pretendiam alcançar resultados mais realistas, conseguiu chegar-se a uma solução de compromisso. Esta passava por encontrar um meio termo entre as duas grandes teses apresentadas, fundado no desejo de todos em “Construir a Europa”. Federalistas e Pragmáticos estavam reunidos por uma causa comum: a Unidade Europeia. Parecia era difícil conseguir conciliar o, aparentemente, inconciliável: a supranacionalidade com a inviolabilidade das soberanias nacionais. Acabaria por ser aprovada, por unanimidade, uma Moção Final propondo a criação de uma Assembleia Europeia¹⁸. Esta ficaria responsável por fazer avançar o projecto europeu, definindo a sua natureza, confederal ou federal, que reflectisse a sensibilidade da opinião pública europeia, e criasse um tribunal para a defesa dos Direitos do Homem. As resoluções deste Congresso ficariam registadas num manifesto intitulado *Mensagem aos Europeus* que dizia:

“A Europa está ameaçada, a Europa está dividida, e a mais grave das ameaças advém das suas divisões. Empobrecida, cheia de barreiras que impedem os seus bens de circular, mas não a protegem, a nossa Europa desunida avança à sua perdição.

Nenhum dos nossos países pode pretender, sozinho, a uma defesa séria da sua independência. Nenhum dos nossos países pode resolver, sozinho, os problemas que a economia moderna lhe coloca. Se não existir uma união livremente consentida, a nossa anarquia presente expor-nos-á amanhã à unificação forçada, quer pela intervenção de um domínio do exterior, quer pela usurpação de um partido do interior.

¹⁷ Apesar de marginal vale a pena notar que as discussões sobre o Futuro da Europa, e concretamente sobre a *Constituição Europeia*, voltam a discussões que nos fazem lembrar Haia.

¹⁸ É de referir que a criação de uma Assembleia Europeia contou, desde o início, com a oposição da Grã-Bretanha, apresentada por Ernest Bevin, Ministro dos Negócios Estrangeiros.

A Hora a que assistimos exige se empreenda uma acção à medida do perigo iminente. Todos juntos, no futuro, podemos edificar com os povos associados ao nosso destino, a maior formação política e a mais vasta união económica do nosso tempo. Nunca a história do mundo assistiu a tamanha união de homens livres (...).

Nós europeus querendo dar voz a todos os povos deste continente, declaramos solenemente essa vontade comum nos cinco artigos seguintes, que resumem as resoluções adoptadas pelo nosso Congresso:

1. ° Queremos uma Europa Unida onde circulem livremente os Homens, as ideias e os bens.
2. ° Queremos uma Carta dos Direitos do Homem, garantia da liberdade de pessoas, reunião e expressão, assim como a livre oposição política.
3. ° Queremos um tribunal de justiça capaz de aplicar as sanções necessárias para que seja respeitada a Carta.
4. ° Queremos uma Assembleia Europeia, onde estejam representadas as forças vivas de todas as nações.
5. ° E tomamos de boa fé o compromisso de unirmos todos os nossos esforços... pela paz e pelo futuro desta e das próximas gerações”¹⁹.

As resoluções da comissão política, presidida por Paul Ramadier, antigo presidente do Conselho francês, insistiam na necessidade da partilha de soberania e de integrar a Alemanha nesta Europa Unida a fim de evitar a sua ameaça. No entanto, foi apenas proposta a criação de uma Assembleia Europeia, composta por representantes dos parlamentos dos estados, contra a proposta de sufrágio universal, proposta por Paul Reynaud, também antigo presidente do Conselho francês. Embora os poderes da Assembleia ficassem bem aquém dos desejos dos federalistas, o Congresso de Haia teve o mérito indiscutível de estabelecer “uma espécie de programa mínimo de organização europeia, enunciar os seus objectivos gerais e sugerir os meios de realização. Mas mostrou muita prudência no plano institucional a tal ponto que Paul Ramadier afirmaria: *Nós vimos em Haia que aideiareaccionária das soberanias nacionais acabaria por não ser defendida por ninguém*. Vinte anos mais tarde, Denis de Rougemont constataria:

“Tudo saiu do Congresso de Haia em Maio de 1948: as primeiras instituições europeias, parlamentares, jurídicas, culturais, técnicas, os princípios gerais do Mercado Comum, mas também a recusa de dotar essas instituições de um poder de decisão política imposta por vontade popular, quando se sentia que tal seria possível. Reunido numa atmosfera de entusiasmo e fervor, o Congresso de Haia teve igualmente como efeito alertar a imprensa e a opinião pública quanto à importância do problema europeu”²⁰.

¹⁹ « Manifesto aos Europeus » in Denis de Rougemont, *Ving-huit siècles d' Europe*, Paris, Payot, 1961, pp. 409-410.

²⁰ Pierre Gerbet, op. cit., p. 61.

Estavam criadas as bases para uma futura união política europeia. A fim de harmonizar a dispersão de movimentos a favor da União da Europa foi, ainda, decidido criar o Comité para a Europa Unida, embrião do futuro Movimento europeu²¹.

Em termos de resoluções concretas foi decidido a criação do Conselho da Europa que conjugasse a defesa dos direitos do Homem num tribunal próprio com uma Assembleia Europeia que tratasse das outras matérias relevantes. A nível da economia comum falou-se da necessidade de criar instituições próprias a esse fim, que coordenassem não só as políticas económicas dos vários Estados como, também, abolissem os entraves à liberdade de comércio, como por exemplo, as restrições às importações e exportações e os direitos alfandegários. Finalmente, a nível cultural foi proposta a criação de um Centro Europeu de Cultura que viria a instituir-se a partir de 1949, em Genebra, sob a direcção de Denis de Rougemont²².

Embora sejam de reconhecer a ambiguidade dos resultados, demonstrada até pelo uso indiscriminado de expressões como “união” e “federação”, Haia teve o mérito indiscutível de difundir os valores democráticos contra qualquer forma de totalitarismo, de esquerda ou de direita, e de criar uma opinião pública europeia consciente das questões a resolver no âmbito político e económico da Europa, e favorável à Unidade Europeia. Embora não tivesse chegado a propor um governo ou autoridade europeia, foi, no entanto, um momento determinante na defesa da Ideia Europeia e um momento de viragem na Europa, já que dele emergiu um programa de acção, inscrito num *Manifesto Europeu*. Teve, também, o mérito de, verdadeiramente, criar o Movimento Europeu, a partir do qual surgiram instituições relevantes para a Construção Europeia: o Centro Europeu da Cultura, o Conselho da Europa e o Tribunal dos Direitos do Homem, além de estar na génese das Comunidades Europeias.

Para os federalistas, o Congresso poderia ter ido mais longe não fossem os Ingleses:

“Um desejo evidente de êxito, nascido do sentimento geral da gravidade do que estava em jogo, teria, sem dúvida, levado o Congresso muito mais longe, se não tivessem sido os Britânicos. Antes de Haia, muitos pensavam que o conflito principal oporia os trabalhistas aos conservadores. É conhecer mal os Ingleses. O único conflito profundo que dividiu o congresso foi a oposição surda entre a frente comum dos insulares e as iniciativas dispersas (no plano tático) dos continentais. A oposição pode resumir-se em duas réplicas que anotei durante os debates da comissão política — Harold Macmillan: *Lembrem-se do vosso provérbio francês hâte -toi lentement*; Paul Reynaud: *Curioso slogan para propor a alguém*

²¹ Esta referência já foi feita a propósito do historial sobre a União Política da Europa.

²² Ver o documento sobre as resoluções adoptadas no Congresso da Europa, em Haia: *Résolutions*, Comité Internacional de Coordenação dos movimentos para a Unidade Europeia, Paris-Londres, 1948.

*que está prestes a afogar-se*²³.

Todos tinham o mesmo objectivo. Todos divergiam nos métodos a seguir. Para alguns, devia constituir-se um laço federal que pressupunha transferências de soberania, “unindo na diversidade”. Outros, mais radicais, propunham uma Assembleia europeia eleita por sufrágio universal.

Curiosamente, a Europa acabaria por se erguer pelas duas vias: da cooperação e da integração. A primeira, realizada a três níveis – económico, político e de defesa – e a segunda, edificaria a Europa através, finalmente, do sonhado “laço federal” proposto pela primeira vez na SDN e concretizado pela Declaração de Robert Schuman de 9 de Maio de 1950. Era ainda um embrião mas já o princípio da aplicação da supranacionalidade, que, para os europeístas era um prenúncio, e para os mais entusiastas, já o início dos **Estados Unidos da Europa**.

“Uma Europa Unida é necessidade vital”: o discurso de Winston Churchill em Haia

O Diário Popular, de 7 de Maio de 1948, iria reproduzir extractos significativos do discurso de Churchill em Haia. Na sessão inaugural do Congresso, afirmaria que a união da Europa era vital para si própria e para o mundo. E o presidente do Congresso continuaria o seu discurso, perante 800 delegados dos países da Europa Ocidental, dizendo:

“Desde que falei sobre o assunto em Zurique no ano de 1946 e desde que foi lançado o movimento britânico para a unidade europeia, em Janeiro de 1947, os acontecimentos precipitaram-se para além das nossas expectativas. Esta causa é ou de importância vital ou de carácter meramente académico. Nesta última hipótese seria melhor abandoná-la. Mas, trata-se de uma necessidade vital para a Europa e para o Mundo nesta hora sombria para que a luz se torne mais brilhante e a esperança mais forte nos corações e nos pensamentos dos homens e das mulheres de muitos países. É por isso que é indispensável que aconteça. Os grandes governos ligaram-se com todo o seu potencial efectivo. (...) Trata-se de um movimento de povos e não de partidos. A Europa não pode unir-se sob o predomínio de qualquer nação. A União deve pertencer a todos”²⁴.

Outro jornal, *A Voz*, de 8 de Maio de 1948, reproduziria, também, as passagens essenciais do discurso de Churchill, completando o anterior. Sobre a autoria da ideia da união europeia, refere Henrique de Navarra. No Congresso estão reunidos os chefes políticos de todos os países livres da Europa, estadistas de todos

²³ Denis de Rougemont, *L'Europe en Jeu*, Neuchâtel, Éditions de la Baconnière, 1948, pp. 134-135.

²⁴ Discurso de Winston Churchill “Uma Europa unida é necessidade vital para todo o mundo nesta hora sombria”, reproduzido no jornal Diário Popular, 7 de Maio de 1948, pp. 1 e 4.

os partidos políticos, figuras proeminentes de todos os credos, escritores eminentes, enfim, representantes de todos os povos ali presentes. A herança cultural e espiritual da Europa, e os Direitos Humanos são as prioridades a salvaguardar, estes últimos a considerar na Carta dos Direitos Humanos a elaborar. A Unidade da Europa é o objectivo prioritário:

“O nosso objectivo é nada menos toda a Europa. Exilados ilustres da Checoslováquia, de quase de todos os países da Europa Oriental e da Espanha, encontram-se entre nós: pretendemos a participação de todos os povos do continente europeu cuja sociedade e forma de vida não estejam em desacordo com a Carta dos Direitos Humanos e a sincera expressão de uma democracia livre. (...) O nosso objectivo não pode deixar de ser senão uma Europa Unida e olhemos para o futuro com confiança, para o dia em que isso seja possível. A princípio preocupei-me com a ideia de que os Estados Unidos da América considerassem com hostilidade a ideia de se organizarem os Estados Unidos da Europa. Rejubilo-me, porém, pelo facto de a grande República, numa época em que tem o comando do Mundo, já tenha manifestado a sua opinião... Em vez de mostrarem ressentimento pela criação duma União Europeia, os Estados Unidos saudaram com entusiasmo a ideia e procuram ardentemente auxiliar a ressurreição do que se chama o Velho Mundo e que se encontra agora em perfeita união com o Novo Mundo²⁵ .

O projecto da União Europeia estava de acordo com os princípios da ONU, e a criação de uma nova Europa concorre, afinal, para a mesma paz. O Congresso serviu para dar uma voz à Europa e é, apenas, o primeiro passo de uma Europa que deseja ser unida, e, por isso, precisa de constituir outra Assembleia Europeia que dê continuidade a esta, e corresponda, afinal, aos desejos de uma grande parte da Humanidade.

Reflexões Finais

O contributo de Winston Churchill para relançar a ideia de Estados Unidos da Europa e mostrar a sua virtualidade para a efectiva construção europeia, foi decisivo para o percurso europeu durante a segunda metade do século XX. Foi um pequeno grande passo para a Europa de Robert Schuman. A sua vida seria uma repercussão do famoso discurso “Sangue, esforço, lágrimas e suor”. Um esforço compensado pelas vitórias, também, no combate pela Europa.

Churchill teve o grande mérito de ser um excepcional homem de estado, sabendo decifrar o presente para guiar a humanidade para um futuro. Sabia, por isso, que este futuro passava pelo projecto europeu, e soube, de uma forma muito hábil conciliar o seu pretensão “europeísmo”, com o distanciamento em relação a vultos como Adenauer, Monnet e Schuman, provando, de certa forma, que era

²⁵ Discurso de Winston Churchill em Haia, jornal *A Voz*, 8 de Maio de 1948, p. 1 e 6.

possível uma Europa sem a Inglaterra, mas, que a própria Inglaterra apoiava e precisava do projecto europeu. Seria uma posição ambígua ou uma estratégia política? Nesse sentido, a missão desta figura é a de denunciar o perigo de uma terceira guerra mundial, apoiando, por isso, uma Europa Unida. A sua acção parece revelar o talento de um visionário que pretende evitar uma nova catástrofe, assegurando, a todo o custo, um futuro de paz, liberdade e democracia para a humanidade. Por isso, contra o expansionismo e o totalitarismo da URSS, anuncia e promove a ascensão de uma Europa reconciliada e unida.

As suas “profecias” teriam a plena concretização no ano de 1946, a nosso ver, o ano mais fértil para anunciar o seu projecto europeu. Para além do discurso programático em Zurique, a propósito da necessidade dos “Estados Unidos da Europa”, meses antes, a 5 de Março, anunciara uma solene advertência sobre a “cortina de ferro” que tomabava sobre a Europa. Esta expressão, para além, de dar a volta ao mundo e ficar na História, esboça o quadro aterrador de metade da Europa submetida a uma implacável dominação totalitária. Parecia que a humanidade corria o risco de desaparecer, tendo de (re)nascer das cinzas. Curiosamente, uma advertência tão grave é feita na pacatez de uma obscura universidade americana, o Westminster College, em Fulton (Missouri), na presença do presidente Truman. Neste contexto, e por oposição, a vida prometida pelo projecto europeu.

Sobre a Europa, o tema destas linhas, Churchill consegue ser, ao mesmo tempo, um visionário e um conhecedor da História. Um visionário que consegue vislumbrar uma “espécie de Estados Unidos da Europa”, e um homem que vive no seu tempo e percebe os antagonismos que se jogam na própria Europa, por um lado, e, por outro, como a Inglaterra se sente fora dessa idiosincrasia europeia. Por isso, propõe um projecto original e que consegue unir posições comuns e afastar antagonismos emergentes.

Winston Churchill conhecia bem as ideias para a Europa apresentadas durante o período entre as duas guerras, e mostrara simpatia pelos projectos de Aristides Briand. Desde essa altura que acreditava na possibilidade de uma união entre os Estados europeus. Tinha mesmo escrito um artigo sobre a questão europeia, posicionando-se a favor de uns “Estados Unidos da Europa”. Considerava uma boa ideia, sobretudo, porque implicava a ideia de união, contra os ódios e guerras acabados de ser vividos. Parecia promover a paz e afastar, por isso, a necessidade de se acenderem os rearmamentos. No entanto, já nesse tempo, Churchill tinha consciência do natural afastamento da Grã-Bretanha em relação ao projecto europeu: “Nós estamos com a Europa, mas sem fazermos parte dela. Temos interesses comuns, mas nós não queremos ser absorvidos: *permanço no seio do meu povo*”²⁶. Após os acontecimentos da segunda guerra mundial e suas consequências, Churchill retomaria aquela ideia simpática, agora uma ideia-força face à realidade. Perante os desafios que se colocam aos Europeus, Winston Churchill

²⁶ Winston Churchill, *The Saturday Evening Post*, 15 de Fevereiro de 1930.

lança o vaticínio na Universidade de Zurique, a 19 de Setembro de 1946, onde apela, mais uma vez, à união da Europa, mas, agora, através de esforços bem concretos que passam pelo entendimento entre a França e a Alemanha. É aqui que se encontra a chave para a construção europeia, é aqui que se inicia o futuro do continente. O seu plano, como vimos, foi apresentado meticulosamente, onde se faz uma constatação de factos e uma prospectiva visão. O futuro é anunciado profeticamente e o remédio para uma possível nova catástrofe acautelado: é preciso recriar a família europeia através da criação desses “Estados Unidos da Europa”. É esta a solução para o renascimento da Europa.

O ponto culminante da cruzada europeia de Churchill seria o Congresso de Haia, em Maio de 1948, como presidente de honra, e onde estariam reunidas 800 personalidades vindas de toda a Europa ocidental – políticos, intelectuais, economistas. Seria nesse contexto que Churchill lançaria o último e veemente apelo à unidade política do velho continente. Uma unidade que podia limitar soberanias (Conselho da Europa), economias (OCDE) e defesas militares (Nato). O velho estadista teria a oportunidade de participar e intervir com a autoridade de quem idealizou a obra, no Conselho da Europa, de 1949, em Estrasburgo, e de aplaudir o Plano Schuman, em 1950.

Winston Churchill foi um inspirado defensor da unidade futura do continente. A estratégia e a natureza da Inglaterra, o impedem de tomar parte na construção europeia. Nos “três círculos”, teoria formulada por ele próprio, a seguir à guerra, distinguia uma marcha das nações livres e das democracias. O primeiro era a Commonwealth britânica e o Império, depois o mundo anglófono, agrupado em torno dos Estados Unidos da América, onde a Inglaterra, o Canadá e os outros domínios britânicos tinham um papel relevante; por fim, a Europa Unida. A Grã-Bretanha estava nessa encruzilhada e podia servir de meio de ligação entre as nações. Também com a Europa: é este o sentido de apoiar a reconstrução europeia de fora. Afinal, estava em causa um sonho quimérico de uma Europa atlântica para Inglaterra. Winston Churchill ficará a contemplar os primeiros passos da reconstrução europeia.